



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA  
DEPARTAMENTO DE ARTES E HUMANIDADES

**WENDERSON FLÁVIO PASCHOAL VALVERDE**

**A INFLUÊNCIA DO ESPAÇO NA PARTICIPAÇÃO ATIVA DOS ALUNOS EM  
AULAS DE ARTE/DANÇA EM ESCOLAS PÚBLICAS DE VIÇOSA - MG**

**VIÇOSA  
2025**

**WENDERSON FLÁVIO PASCHOAL VALVERDE**

**A INFLUÊNCIA DO ESPAÇO NA PARTICIPAÇÃO ATIVA DOS ALUNOS EM  
AULAS DE ARTE/DANÇA EM ESCOLAS PÚBLICAS DE VIÇOSA - MG**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito à obtenção do  
título de Bacharel em Dança da  
Universidade Federal de Viçosa

Orientadora: Evanize Kelli Siviero  
Romarco

**VIÇOSA  
2025**

## **RESUMO**

Este artigo, fruto de uma pesquisa documental, de natureza descritiva e exploratória, discute a influência do espaço na participação ativa dos alunos durante as aulas de Arte/Dança dentro de escolas públicas em Viçosa - MG. Ao argumentarem que o espaço deve ser visto além de seus limites físicos, Rudolf Laban e Gaston Bachelard são autores que integram a discussão teórica do trabalho. Ana Mae Barbosa e Marluvia Almeida, estudiosas da arte-educação, são autoras que com suas obras também incrementaram o diálogo da pesquisa, potencializando a reflexão sobre o papel do espaço na construção de experiências artístico-pedagógicas mais participativas. O estudo revelou que o espaço influencia diretamente o engajamento dos alunos nas aulas, destacando a importância de ambientes dinâmicos e criativos. Espaços amplos e fora das salas tradicionais favorecem a interação social e a expressão artística. O espaço deve ser pensado tanto quanto o conteúdo de uma disciplina, ele deve ser utilizado como um disparador de estímulos, se tornando assim um potencializador da atenção e participação ativa dos alunos.

**Palavras-chave:** Aprendizagem; Espaço; Arte; Dança; Participação Ativa.

## **ABSTRACT**

This article, the result of a documentary research of a descriptive and exploratory nature, discusses the influence of space on students' active participation during Art/Dance classes in public schools in Viçosa, Minas Gerais, Brazil. By arguing that space should be viewed beyond its physical boundaries, Rudolf Laban and Gaston Bachelard are key theorists incorporated into the theoretical discussion. Ana Mae Barbosa and Marlucia Almeida, scholars in art education, also contribute to the dialogue with their works, enhancing the reflection on the role of space in the construction of more participatory artistic-pedagogical experiences. The study revealed that space directly influences student engagement in class, highlighting the importance of dynamic and creative environments. Open spaces and those outside traditional classrooms foster social interaction and artistic expression. Space should be considered as important as the content of a subject; it must be used as a trigger for stimuli, thus becoming a powerful enhancer of students' attention and active participation.

**Keywords:** Learning; Space; Art; Dance; Active Participation.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente, à minha família, pelo apoio incondicional e amor em cada passo desta jornada. Ao meu amigo Herbert, que me ajudou a enxergar um futuro promissor dentro da Dança. Ao meu amor Caio, que se fez presente desde o início desta jornada. Aos meus colegas de curso, com quem compartilhei tantas experiências e aprendizados.

À minha orientadora, Evanize (famosa Eva), sou imensamente grato pelo acompanhamento, pelas orientações e por acreditar no meu trabalho. Aos colegas, alunos e orientadores da Residência Pedagógica, agradeço pelas contribuições valiosas. Aos alunos, professoras e diretora da escola municipal, onde tive a primeira oportunidade de ser professor, que com toda certeza enriqueceu minha formação.

Aos membros da banca, agradeço pela atenção e pelas contribuições construtivas. E, por fim, à Universidade Federal de Viçosa, por me proporcionar um ambiente de aprendizado e crescimento que me impulsionou a alcançar esta conquista.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2 RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E A INFLUÊNCIA DO ESPAÇO.....</b>	<b>7</b>
<b>3 O PARAÍSO NA ESCOLA.....</b>	<b>14</b>
<b>4 O PODER TRANSFORMADOR DO ESPAÇO NO AMBIENTE ESCOLAR.....</b>	<b>17</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>21</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>22</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O espaço se tornou algo interessante para mim quando realizei minha primeira pesquisa na graduação, onde através de vivências com luzes, sombras e objetos cênicos, pude junto à crianças atendidas pelo CRAS (Centro de Referência em Assistência Social) da cidade de Paula Cândido - MG, localizado há 25 km de Viçosa-MG, transformar o espaço que muitas vezes é passado despercebido de seu potencial para a arte, como as salas convencionais, pátio e o refeitório. Com esta pesquisa, fiquei ainda mais instigado em investigar o poder do espaço na participação ativa, criatividade e desenvolvimento artístico dos alunos.

Em diversas disciplinas artísticas, o espaço pode ser um elemento que influencia diretamente o desenvolvimento cognitivo, motor e criativo dos alunos. No contexto das aulas para o ensino de Arte/Dança, o espaço pode ser um componente essencial que vai além das limitações físicas, permitindo o desenvolvimento de habilidades e potencialidades que possivelmente não seriam exploradas em ambientes educacionais convencionais.

A presente pesquisa tem como campo base minhas vivências em três escolas públicas de Viçosa - MG pelo projeto Residência Pedagógica - Núcleo Arte, onde em aulas de Arte/Dança observei e desenvolvi junto das professoras regentes e dos demais residentes planos de aulas direcionados à alunos de diferentes idades.

Também como campo desta pesquisa, e fora do projeto Residência Pedagógica, fui professor por dois anos em uma escola municipal rural no mesmo município, e ao compreender o uso amplo e criativo do espaço nas atividades, notei que os alunos tiveram um engajamento mais profundo no fazer artístico e uma ampliação expressiva nas interações sociais. A exploração espacial nesta escola proporcionou novas oportunidades para a expressão artística, permitindo que cada aluno se manifestasse da forma que se sentisse confortável nas aulas de movimentos livres e exploratórios.

Este trabalho propõe uma análise documental e reflexiva, fundamentada nas minhas vivências e no relatório da Residência Pedagógica realizada no ambiente escolar. O objetivo foi verificar, com o uso de referenciais teóricos e bibliográficos, o diálogo entre a prática e a teoria, possibilitando identificar pontos de convergência, similaridade ou novas perspectivas que ampliaram minha compreensão sobre o

impacto do espaço no processo de participação ativa, criatividade e de desenvolvimento social dos alunos.

Segundo Gaston Bachelard (2008), filósofo francês do século XX conhecido por suas reflexões subjetivas que transformam os ambientes em lugares carregados de significado, o espaço deixa de ser apenas um ambiente físico quando passa a abrigar memórias afetivas. Ele compara esse processo à concha do caracol, que vive em sua casa desde o início e não a constrói para depois habitá-la. Da mesma forma, nós, seres humanos, moldamos nossos espaços ao vivê-los, preenchendo-os com emoções, experiências e traços da nossa identidade. Por isso, os espaços que ocupamos têm grande importância em nossas vidas: eles nos marcam, nos transformam e se tornam acervos de lembranças. Em ambientes educativos, essa relação pode estimular a criatividade, promover a interação e favorecer o desenvolvimento pessoal dos alunos.

## **2 RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E A INFLUÊNCIA DO ESPAÇO**

A relação entre o espaço escolar e o processo de ensino-aprendizagem pode ser fundamental para a atenção ativa dos alunos, principalmente em disciplinas que envolvem a criatividade, como a disciplina de Arte/Dança. Durante o projeto de residência pedagógica, que teve seu início em 2021 com finalização em 2023, observei e atuei em duas escolas com características e estruturas físicas diferentes: uma estadual, situada em um bairro periférico da cidade de Viçosa (MG), atende majoritariamente a estudantes oriundos de famílias de baixa renda, e uma federal localizada no centro da cidade de Viçosa (MG), integra o campus da Universidade Federal de Viçosa, beneficiando-se de sua infraestrutura e ambiente acadêmico. A instituição atende, em sua maioria, estudantes provenientes de famílias de classe média e alta, com o caráter seletivo do ingresso, realizado por meio de processo classificatório.

Cada uma dessas instituições, com seus respectivos espaços e recursos, apresentaram diversos desafios e oportunidades, o que evidenciou o impacto do ambiente escolar na construção de práticas pedagógicas satisfatórias.

Na primeira escola, sendo estadual, encontrei uma infraestrutura com espaços amplos e arejados, que poderiam beneficiar o desenvolvimento de práticas criativas nas áreas de Arte/Dança. No entanto, esses espaços, em vez de serem aproveitados plenamente, permaneciam vazios no ambiente escolar, deixando a

desejar quanto à exploração das possibilidades artísticas do local. Observei que os professores ainda se limitavam a realizar suas aulas em salas convencionais, o que contribuía para que os alunos ficassem fatigados e, em alguns casos, menos motivados nas atividades.

Ao acompanhar as aulas nesta escola, interessei-me em explorar com os alunos esses espaços esquecidos, que, apesar de suas potencialidades, não foram integrados à prática pedagógica durante o meu tempo de observação.

Em uma ocasião específica, utilizou-se uma das quadras para ensaios da festa junina, e ficou evidente o impacto positivo dessa mudança de espaço. A quadra proporcionou uma maior interação entre os alunos com os professores, tornando a participação mais ativa e dinâmica.

Gaston Bachelard (2008) enfatiza em suas pesquisas o poder do espaço na transformação de momentos em memórias afetivas inesquecíveis para o indivíduo. No ambiente escolar, onde os alunos passam em média cerca de 5 horas por dia, transformar esse tempo em momentos prazerosos, envolventes e que façam sentido pode fazer com que a atenção e o aprendizado se tornem reais e proveitosos, para alunos e professores.

Aprofundando essa análise, trago a seguir algumas imagens dos espaços da escola estadual que poderiam ser utilizados para as aulas artísticas, acompanhados de propostas de atividades pedagógicas que poderiam ser desenvolvidas para maximizar o potencial desses ambientes.

**Imagem 1- Sala de espelhos - 2023. Fonte: Acervo próprio**



Na imagem 1, denominada "sala de espelhos", há uma sala grande com dois grandes espelhos em uma das paredes, alguns objetos guardados, como

colchonetes, livros e armários antigos. A escola em época de interclasse (um campeonato esportivo interno entre as turmas) utiliza este espaço, como vestiário para os alunos.

A sala de espelhos pode permitir o desenvolvimento de diversas atividades vinculadas à disciplina artística, tais como: práticas de dança que valorizem a repetição e a observação atenta dos movimentos do professor, favorecendo aulas que demandam uma visualização clara e ampla. Este ambiente equipado com espelhos poderia oferecer aos alunos a possibilidade de observarem a si mesmos em detalhes, permitindo uma percepção mais profunda dos gestos e posturas corporais.

Brasil (1998, p.28) reflete que o espelho oferece ao aluno a possibilidade de se reconhecer corporalmente, permitindo que ela explore gradualmente os contornos do seu corpo, compreenda sua totalidade e tome consciência das sensações que ele é capaz de produzir. Ao meu ver esse processo de autopercepção não apenas pode facilitar o aprendizado, mas também pode promover a expressividade.

Com foco no teatro, o ambiente com espelhos se torna valioso possibilitando atividades de criação e transformação. Por exemplo: a produção de máscaras e maquiagem artística utilizando o espelho, permitindo que os alunos acompanhem cada etapa do processo criativo e tenham uma relação mais íntima com sua própria imagem e expressão. O uso do espelho, nesses casos, pode enriquecer o aprendizado, possibilitando a ampliação da consciência de si e incentivar a experimentação, eixos fundamentais para a construção de personagens e para a exploração do potencial expressivo do aluno.

A reconfiguração deste espaço subutilizado em um ambiente de prática artística não só aumenta as oportunidades de ensino, mas também favorece a integração de diferentes linguagens expressivas no currículo escolar, criando possivelmente um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e interativo, tornando o aluno mais confiante em seus movimentos e gestualidades, mesmo, se em outros espaços, estiverem sem a presença do espelho.

**Imagem 2 - Espaço verde - 2023. Fonte: Acervo próprio**



Na imagem 2, denominada “Espaço verde”, há um grande campo com árvores e grama, e muitas árvores ao entorno. Este local fica próximo às quadras da escola, onde os alunos costumam usar como passagem e raramente ficam no local.

Para este espaço pode-se realizar atividades em que explorem uma liberdade de movimento que seria restrita em áreas fechadas por paredes e tetos. Essa configuração espacial pode permitir o desenvolvimento de atividades que necessitam de amplitude, como as diferentes velocidades (correr e andar), expansão do corpo no espaço, danças em grupos (como a dança em roda) e diferentes desenhos espaciais (usados principalmente em jogos e coreografias). A ausência de barreiras físicas pode contribuir para ampliar as possibilidades de exploração motora e expressiva, tornando possível uma abordagem mais sensorial e espontânea do aluno em movimento.

Em outra escola, de administração federal, com uma configuração bem diferente da anterior, os espaços foram aproveitados de acordo com o conteúdo e a temática das aulas. Nessa instituição, especialmente com foco nas turmas de primeiro ano do ensino médio, onde acompanhei de perto, existiu um engajamento mais notável dos alunos nas atividades propostas. Esse engajamento refletiu na maneira como eles se apropriaram do conteúdo da disciplina, demonstrando maior disposição e interesse nas práticas artísticas apresentadas.

As aulas foram realizadas em diferentes ambientes, como a sala de aula convencional, a sala de artes e o pátio da escola. Essa diversidade de espaços proporcionou uma variação de estímulos e contextos para os alunos. A possibilidade de transitar entre esses ambientes nos permitiu criar atividades que iam desde práticas mais introspectivas, em sala de aula convencional, até exercícios mais

dinâmicos e expansivos, no pátio. Isso deu aos alunos a chance de explorar diferentes dimensões da expressão artística.

Um exemplo marcante dessa reconfiguração espacial foi um projeto realizado com os alunos do primeiro ano do ensino médio, sob a orientação da professora de Artes preceptora do projeto de residência pedagógica na escola. Nesse projeto, os alunos sob nossa orientação, criaram cenas teatrais curtas que abrangeram todas as etapas de uma produção teatral: elaboração de roteiro, desenvolvimento de personagens, escolha e montagem do cenário, criação de figurinos, divulgação e sonoplastia.

**Imagem 3 e 4 - pátio da escola antes e depois - 2023. Fonte: acervo próprio**



O pátio da escola, que tem escadas ao redor e um amplo espaço central que simula um teatro de arena (Imagem 3), foi transformado em palco (Imagem 4). Este espaço arquitetonicamente é um espaço normalmente cênico e com a ajuda da iluminação, cenários e elementos artísticos para moldar o ambiente, permitiu que os estudantes vivenciassem a experiência teatral em um local no ambiente escolar que originalmente não tinha somente esta função. Além disso, esse projeto destacou a importância de adaptar os espaços disponíveis de forma criativa, transformando ambientes comuns em cenários vivos e funcionais para produção de arte.

Desde a montagem dos cenários até os ensaios, eles trabalharam em conjunto, trocando ideias, superando desafios e aprendendo uns com os outros. Esse processo colaborativo não apenas enriqueceu a qualidade artística do projeto, mas também possivelmente fortaleceu os laços entre eles, criando um ambiente mais acolhedor e participativo.

A diversidade dos espaços influenciou diretamente na criatividade dos alunos. Cada ambiente ofereceu uma experiência diferente: a sala de aula era um espaço

mais controlado, ideal para planejamento e reflexão; a sala de artes, por sua vez, favoreceu a experimentação com materiais e a criação de elementos cênicos; e o pátio, com sua amplitude, proporcionou liberdade para criação de cenários amplos, objetos cênicos e projeções de voz, algo essencial para o teatro. Essa combinação de contextos ampliou as possibilidades pedagógicas garantindo que as aulas fossem mais dinâmicas e inclusivas, pois permitiu que os estudantes explorassem diferentes atividades.

Paulo Freire (1987), que foi um educador e filósofo brasileiro que defendeu uma educação libertadora, crítica e aprendizagem colaborativa, destaca a importância do diálogo e da troca de saberes como um processo fundamental para a construção do conhecimento e do desenvolvimento humano. Segundo Freire (1987, p. 68) “[...] ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam entre si, mediados pelo mundo”.

Essa experiência, ligada ao estudo de Freire (1987) reforçou minha visão sobre a importância de considerar o espaço como um elemento ativo no processo de ensino-aprendizagem. Ao adaptar os locais disponíveis para atividades artísticas, pode-se não apenas explorar novas formas de expressão, mas também criar vivências que podem impactar tanto o desenvolvimento técnico quanto pessoal dos alunos.

Henry Lefebvre (2006), que foi um filósofo e sociólogo francês conhecido por suas contribuições acerca do espaço urbano, discute que:

O espaço não pode mais ser concebido como passivo, vazio, ou então, como os “produtos”, não tendo outro sentido senão o de ser trocado, o de ser consumido, o de desaparecer. Enquanto produto, por interação ou retroação, o espaço intervém na própria produção: organização do trabalho produtivo, transportes, fluxos de matérias-primas e de energias, redes de repartição de produtos. À sua maneira produtivo e produtor, o espaço (mal ou bem organizado) entra nas relações de produção e nas forças produtivas. Seu conceito não pode, portanto, ser isolado e permanecer estático. Ele se dialetiza: produto-produtor, suporte de relações econômicas e sociais. (Lefebvre, 2006, p. 7)

A adaptação do pátio em um ambiente de apresentação, trouxe a ideia de espaço ativo que Lefebvre (2006) defende. O espaço neste caso teve um impacto positivo no engajamento dos alunos com o conteúdo da disciplina. A transformação do espaço cotidiano para um palco trouxe uma nova dimensão ao trabalho e ampliou o interesse dos alunos, que pareceram mais motivados com a experiência artística.

Para fomentar a criatividade e o senso de responsabilidade, foi concedido certo protagonismo aos alunos, que puderam tomar decisões sobre diversos aspectos do processo, desde a organização da cena até a disposição dos elementos cênicos.

Esse processo, que envolve a liberdade criativa e a responsabilidade compartilhada, pode favorecer o desenvolvimento de habilidades essenciais, como o trabalho em grupo, a liderança e a organização, além de estimular a expressão individual e coletiva. Ao se apropriarem do espaço e do processo criativo, os alunos puderam se sentir responsáveis pelo resultado final, reforçando o compromisso e o senso de pertencimento ao projeto. A experiência de atuar em um cenário montado e planejado por eles mesmos têm potencial para uma compreensão mais palpável dos elementos da linguagem teatral, ao mesmo tempo que incentiva a exploração do espaço escolar de maneira criativa e expressiva.

Essas atividades, portanto, transcenderam a técnica teatral, contribuindo para o desenvolvimento de competências que podem ser aplicadas em outros contextos de aprendizado, possibilitando uma educação artística que integra o desenvolvimento pessoal e o engajamento ativo com o conteúdo artístico-educativo.

### **3 O PARAÍSO NA ESCOLA**

Além das experiências vivenciadas durante o projeto de residência pedagógica, destaco minha atuação em uma outra escola municipal rural da cidade, onde fui professor de Dança por dois anos (2021-2023). Essa escola, devido a uma reforma, está com sua sede em uma fazenda antiga, e embora também apresente limitações quanto à infraestrutura interna voltada para o ensino artístico, oferece uma diferença crucial: sua vasta área externa dedicada a práticas fora do ambiente interno da escola.

**Imagem 5 - Gramado 2023. Fonte: acervo próprio**



Na imagem 5, denominada "gramado", existe um grande espaço verde com grama baixa e ao fundo um escorregador infantil e árvores. Este espaço por ser amplo, foi destinado a atividades como capoeira, circo, música e dança, o que proporcionou um ambiente fértil para experimentações artísticas e maior liberdade na elaboração do conteúdo das aulas. Neste local observei que os alunos ficavam mais livres e conseguiam uma maior interação entre eles.

Trabalhei nesta instituição com crianças do ensino infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental, com idades entre 1 e 11 anos. O fator etário desempenhou um papel decisivo na forma como as aulas foram acolhidas e nas conversas com os conteúdos propostos. Durante a residência pedagógica em muitas situações, os adolescentes precisavam de abordagens mais estruturadas e diálogos mais elaborados para prender seu interesse e engajamento, enquanto as crianças desta escola, ainda imersas no mundo da imaginação, apresentaram uma receptividade mais inocente e menos envolvida a modelos tradicionais de aprendizagem.

Esses diálogos entre o conteúdo e a imaginação fizeram nascer novos movimentos, estes defendidos por Laban (1978, p. 167), que foi um coreógrafo e pesquisador, como "Alfabetização do Movimento". Ele defende que, da mesma forma que se pode aprender a ler e escrever com palavras, também tem-se a capacidade de "ler" e "escrever" com movimentos. Este implica a compreensão dos elementos do movimento como espaço, tempo, peso e fluência, que formam a base da comunicação através do movimento.

Segundo Laban (1978, p.167), a alfabetização a partir do movimento é um instrumento eficaz para o autoconhecimento e a compreensão do mundo que nos rodeia. Ele defende que, ao desenvolver essa linguagem corporal, os indivíduos conseguem maior consciência de si mesmos e de suas interações com o mundo.

Por este contexto, trouxe para as aulas a escrita com o corpo, e o ambiente externo da escola se mostrou um elemento chave para o sucesso destas aulas. Ao contrário dos espaços restritos por quatro paredes, com carteiras enfileiradas que muitas vezes limitam as possibilidades criativas, o gramado permitiu que as aulas acontecessem de maneira mais participativa e envolvente, trazendo trocas ricas e diálogos importantes que fomentaram minha discussão acerca do espaço e da atenção ativa dos alunos.

**Imagem 6 - Aula no gramado - 2023. Fonte: acervo próprio**



Na imagem 6, denominada “Aula no gramado” foi um registro de um ensaio para a festa junina da escola, que aconteceu em junho de 2023. O espaço verde com grama transformou-se em um palco durante os ensaios.

A liberdade de movimentação que o ambiente externo proporcionou, favoreceu uma maior interação entre os alunos, permitindo a exploração da criatividade e a possibilidade de trabalhar com elementos cênicos, como os dois bancos existentes na imagem, que simboliza no início da coreografia um banco de uma praça e no fim, janelas de uma rua, trabalhando com os alunos a criatividade, imaginação e subjetividade.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p. 21) “[...] as crianças adquirem conhecimento através das interações que estabelecem com outros indivíduos e com o ambiente em que estão inseridas”. As coreografias apresentadas na festa junina da escola foram resultado de um processo de criação, interpretação e reinterpretação dos alunos sob a minha orientação. As interações que aconteceram nos espaços e a liberdade espacial oferecida por essa escola podem ter tido um impacto positivo no desenvolvimento e aprendizado das crianças.

Essa experiência em uma escola com um espaço externo potente me permitiu desenvolver um olhar mais atento para a relação entre o espaço físico e o ensino da Arte/Dança. O fato de ter a liberdade/opção de sair dos ambientes tradicionais e experimentar diferentes configurações espaciais ampliou minha percepção das possibilidades pedagógicas, mostrando mais uma vez como o espaço pode ser um facilitador ou um limitador do processo artístico-pedagógico.

#### **4. O PODER TRANSFORMADOR DO ESPAÇO NO AMBIENTE ESCOLAR**

Nesta parte do artigo, procuro estabelecer uma conexão entre os estudos de diferentes autores e as observações práticas que realizei durante meu trabalho nas escolas. Meu objetivo é demonstrar como essas teorias foram validadas, adaptadas ou até mesmo ampliadas pelas experiências concretas vivenciadas nos espaços educacionais. Essa articulação entre teoria e prática foi essencial para minha compreensão das dinâmicas reais do ambiente escolar, permitindo que eu avaliasse o impacto dessas abordagens teóricas no cotidiano educacional.

Diferentes teóricos trouxeram em seus estudos abordagens que ampliam a compreensão do espaço ativo, transformador, potencializador e fundamental para o desenvolvimento dos estudantes em atividades artísticas.

Essa perspectiva está em consonância com os princípios da Base Nacional Comum Curricular (2017), que propõe, no componente Arte, uma abordagem baseada na experimentação, na fruição, na reflexão e na produção. A BNCC (2017) valoriza a criação em espaços que promovam experiências relevantes, permitindo que o estudante se expresse com liberdade e sensibilidade, respeitando sua individualidade e os diferentes contextos socioculturais.

Analisando os estudos de Rudolf Laban (1978), Gaston Bachelard (2008), Euclides (2009) e Ana Mae Barbosa (2015), foi possível projetar um cenário aprofundado sobre o efeito do espaço nas aulas de Arte/Dança e seu potencial transformador no contexto escolar.

Para Laban (1978, p. 56), o espaço é “[...] um campo de ação onde a forma humana se move[...]”, mostrando que a expressão artística não pode ser pensada de forma dissociada do ambiente em que se apresenta. O espaço é ativo no processo criativo, agindo não só nos movimentos dos corpos, mas também nos diálogos entre os seres e suas relações com o local.

Nas escolas, é comum que o foco esteja nos resultados finais, como provas e testes, que acabam sendo usados para medir se o aluno aprendeu ou não. Isso muitas vezes ignora todo o processo de aprendizagem vivido até ali, tornando a experiência escolar tensa e cansativa, em vez de prazerosa. No entanto, transformar o ambiente escolar pode fazer toda a diferença, especialmente para as crianças. A escola pode (e deve) ser um espaço acolhedor, onde o aprendizado acontece de

forma leve, por meio de brincadeiras, interações e experiências significativas, criando memórias afetivas duradouras com colegas e professores.

A BNCC (2017), ao destacar a importância do processo artístico e das múltiplas linguagens, estimula o uso de metodologias que envolvam o corpo e o espaço como elementos centrais da aprendizagem. A dança, nesse contexto, contribui para o desenvolvimento da expressividade, da percepção espacial, da coordenação e da autonomia dos estudantes.

Para Almeida (2010) mestre em Educação pela Universidade de Brasília (UnB), os alunos precisam de atividades que:

[...] os motivem, que mudem radicalmente sua posição de mero receptor de conteúdos e o professor apenas como transmissor. Para uma aprendizagem significativa, o professor precisa utilizar uma metodologia dinâmica, alegre e contextualizada, porque os alunos têm hoje acesso às mais variadas informações e de várias formas, como televisão, computadores, internet. Essa mudança exige dos professores uma nova postura diante desses conhecimentos que estão acessíveis e também diante dos alunos. (Almeida, 2010, p.18)

Para Almeida (2010) nada mais é que um olhar além do produto final, um olhar único vindo do professor para seu aluno. Existem diversas formas de se ensinar o conteúdo, como por exemplo, quando contei histórias para as crianças da escola rural, onde me posicionei no meio de uma roda e a cada momento da história eu me colocava mais próximo dos alunos, e assim eu consegui prender a atenção por mais que estivesse sem nenhum objeto cênico para dar concretude à narração, apenas minha voz e os gestos ao contar a história com seus relances.

O ambiente neste caso se tornou acolhedor e mais dinâmico, pois me posicionei mais próximo dos alunos em roda, retirando assim todas as limitações físicas existentes (cadeiras e mesas) entre o aluno e o professor dentro da sala de aula. Essa transformação do ambiente para se apropriar do conteúdo e se aproximar do aluno é defendida por Bachelard (2008) quando o autor propõe que os ambientes ganham sentido a partir da experiência subjetiva de quem os habita. Nesse contexto, a apropriação do espaço foi fundamental para torná-lo acolhedor: foi por meio da personalização, do uso criativo e da relação afetiva com o ambiente que o espaço se transformou.

A partir daquelas pequenas histórias contadas em rodas as crianças fizeram do espaço escolar um ambiente leve e de acolhimento, o que conversa com a ideia de “Imaginação Criadora” de Bachelard (2008, p. 196), para ele, os espaços

carregam memórias e significados profundos que afetam diretamente a imaginação e na criatividade. O espaço da sala de aula, quando transformado em um ambiente afetivo e acolhedor, pode estimular o desenvolvimento artístico dos alunos, conectando-os emocionalmente às suas experiências criativas. Bachelard (2008) mostra a importância de um ambiente que não seja apenas funcional, mas que se relacione com as vivências dos alunos, alimentando sua criatividade, elemento esse valorizado nos objetivos da BNCC, quando propõe que a escola deve favorecer contextos de aprendizagem que mobilizem a escuta, a sensibilidade, a imaginação e criatividade.

Ao buscar um pensamento que se diferencia, trago Euclides (2009), que foi um matemático grego considerado o "pai da geometria", onde o mesmo apresenta o espaço como uma estrutura rígida, fundamentada em regras geométricas. Embora a geometria euclidiana tenha relevância em disciplinas exatas, sua aplicação restritiva nas artes pode sufocar a fluidez e a espontaneidade necessárias à criação artística. Ao tratar o espaço como algo estático e imutável, Euclides (2009) se contrapõe diretamente com as abordagens de Laban (1978) e Bachelard (2008), que trazem um espaço dinâmico e transformador. Nas aulas de Arte/Dança, o atravessamento dessas limitações geométricas pode ser essencial para a liberação do potencial expressivo dos alunos.

Para Ana Mae Barbosa (2015), pioneira no ensino da arte no Brasil, a partir do conceito de Abordagem Triangular a composição do ambiente pode induzir diretamente a experiência artística dos alunos. Seu pensamento apoia a ideia de que o espaço pode ser um meio pedagógico ativo, que auxilia para a formação de uma aprendizagem crítica, participativa e memorável.

A aproximação dos pensamentos de Laban (1978), Bachelard (2008) e Barbosa (2015) aponta para a necessidade de uma reavaliação do papel do espaço nas escolas. Longe de ser uma estrutura que delimita as atividades, o espaço pode ser utilizado como um meio vivo, capaz de moldar a aprendizagem e a expressão artística.

Conforme orienta a BNCC (2017), a prática artística na Educação é fundamental para o desenvolvimento integral dos alunos, podendo promover vivências por meio do corpo, da imaginação e da expressão. Desde o ensino infantil, as crianças exploram o mundo com o corpo, por meio dos sentidos, gestos, movimentos espontâneos ou intencionais, estabelecendo relações, expressando

emoções, brincando e construindo conhecimentos sobre si mesmas, os outros e o ambiente sociocultural em que vivem.

A BNCC (2017) reconhece que as diferentes linguagens artísticas, como a dança e o teatro, possibilitam aos alunos formas diversas de expressão e comunicação, nas quais corpo, emoção e linguagem se complementam. Nessas interações, as crianças passam a conhecer e reconhecer as sensações e funções do próprio corpo, identificando suas potencialidades e limites, ao mesmo tempo em que desenvolvem a consciência corporal e sensação de pertencimento ao meio inserido, podendo assim, cultivar memórias afetivas com o ambiente escolar.

Ao refletir sobre a influência do espaço no âmbito escolar, a disciplina artística ganha novas possibilidades de experimentação, podendo promover uma educação que valoriza não só o aspecto técnico, mas também o desenvolvimento emocional, corporal, social e cultural dos alunos.

Segundo Almeida (2022), a aprendizagem:

[...] não é somente habilidade de leitura, escrita, ou memorização, até mesmo conhecimento das demais disciplinas, é muito mais do que isto, é compreender, perceber, assimilar, é um processo dinâmico, contínuo e gradativo, faz-se em função do nível de desenvolvimento cognitivo do sujeito. A aprendizagem escolar não é uma recepção passiva do conhecimento, mas é um processo ativo de elaboração. (Almeida, 2022, p. 302)

Essa reflexão reforça a importância da flexibilidade do espaço escolar, podendo ser criativo e acolhedor, onde os alunos ficam livres para explorar suas capacidades de perceber o mundo ao redor. Assim, o espaço pode atuar como um verdadeiro disparador de estímulos para a criação artística, trazendo participação ativa dos alunos e contribuindo para uma educação mais diversificada.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo evidenciou que o espaço, além de ser apenas um elemento físico, foi possivelmente um componente fundamental para o desenvolvimento artístico e social dos estudantes. Nas aulas de Arte/Dança, sua configuração e uso podem ampliar ou restringir as possibilidades criativas, possivelmente impactando diretamente o engajamento e o aprendizado.

O trabalho em diferentes escolas revelou o poder transformador do ambiente no contexto pedagógico. Em ambientes amplos e flexíveis se mostraram possíveis para práticas artísticas dinâmicas, onde poderia haver maior interação social,

liberdade de movimento e expressão criativa. Além disso, a transformação de espaços subutilizados, como áreas verdes e salas de espelhos, em ambientes de experimentação seriam estratégias para superar limitações estruturais, diversificar experiências pedagógicas e estimular o senso de pertencimento dos alunos.

A adaptação de espaços convencionais para usos criativos, como a transformação de um pátio escolar em palco para apresentações de cenas teatrais, demonstrou o impacto da apropriação do espaço pelos alunos. Essa abordagem não só aumentou o engajamento, mas também promoveu habilidades importantes, como trabalho em equipe, liderança e planejamento. Além disso, a liberdade para tomar decisões sobre o uso do espaço e a organização das atividades fortaleceu a autonomia dos estudantes, contribuindo para uma experiência mais participativa.

O uso estratégico do espaço também se mostrou crucial para atender às especificidades de diferentes faixas etárias. Alunos da escola municipal, crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, foram mais receptivos ao caráter lúdico, e se beneficiaram de atividades em ambientes abertos e imaginativos. Já os adolescentes, com demandas de contextualização, encontram motivação em práticas que integrassem atividades mais direcionadas.

Este estudo reafirmou que o espaço foi um componente ativo no processo artístico-educativo. Sua ressignificação, pode permitir aos estudantes a exploração de caminhos expressivos, possivelmente desenvolver sua criatividade e fortalecer suas habilidades emocionais e sociais, por meio de um ambiente que acolhe e potencializa as trocas com os alunos.

Conforme discutido por Bachelard (2008) e Almeida (2022), o vínculo emocional com o espaço desempenha um papel crucial, por ser um ambiente que acolhe vivências dos alunos. Os espaços abertos e adaptados, podem gerar um impacto na imaginação e expressão artística, por outro lado, as limitações impostas por espaços rígidos e pouco dinâmicos, como nas salas de aula convencionais, podem reforçar a necessidade de romper com estruturas fixas para estimular a liberdade criativa e a participação ativa.

Enfim, investir na exploração do espaço é apostar em uma prática educativa mais inclusiva e dinâmica, alinhada ao intuito de uma formação artística mais rica e acolhedora.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.F.L. **O xadrez no ensino e aprendizagem em escolas de tempo integral**: um estudo exploratório. 2010. 134f. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Educação. Universidade de Brasília, Brasília, DF. 2010.

\_\_\_\_\_. Dança: expressão, movimento e criatividade na escola. **Humanidades & Inovação**, Palmas/TO, v. 8, p. 297-304, 8 abr. 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1032>. Acesso em: 28 jan. 2025.

BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARBOSA, A. M. **A educação pela arte**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 8 maio 2025.

\_\_\_\_\_. **Referencial Curricular Para a Educação Infantil**. Vol. 1. Brasília: MEC/SEI, 1998.

EUCLIDES. **Os Elementos**. Tradução e introdução: Irineu Bicudo. São Paulo: Editora da Unesp, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LABAN, R. **Domínio do Movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Tradução: Doralice Barros Pereira. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. (Original publicado em 1974)